

OPINIÃO

CONVIDADO



MIGUEL VARELA
Diretor do ISG

“Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” e Thomas Malthus revisitado

A pesar do desacelerar do ritmo de crescimento, a ONU prevê que em novembro de 2023 a população mundial ultrapasse os oito mil milhões de habitantes. Certo é que o planeta de todos não é para todos. Novos problemas surgem na Aldeia Global em que vivemos: a produção alimentar, as alterações climáticas e a distribuição de recursos naturais.

O aumento da população mundial tem por base um número de nascimentos muito superior ao de óbitos, apesar de esta transição demográfica não ser linear no planeta, em especial com grandes crescimentos na África subsariana e na Ásia. Em menos de um século, a população mundial quadruplicou.

Enquanto no mundo desenvolvido os filhos podem ser considerados economicamente como um “centro de custos”, nos países em vias de desenvolvimento são vistos como “unidade de produção”. Basta analisarmos a produção de riqueza no mundo: os países do hemisfério norte contribuem com cerca de 90% do PNB mundial e concentram 30% da poluição do planeta. Os países do hemisfério sul produzem 10% do PNB mundial e concentram 70% da população. O progresso social permitiu melhorias contínuas nos sistemas de saúde que aumentaram a esperança de vida, mas que estabilizaram as taxas de natalidade nos países do hemisfério norte do planeta, regra geral, mais desenvolvidos que os do Sul do planeta.

Este crescimento populacional obriga a maiores consumos de recursos naturais, não só alimentos em geral, mas animais, matérias-primas diversas e sobretudo água. Os recursos naturais são escassos e a capacidade do planeta é limitada e pode acontecer que o ritmo de crescimento da população supere a capacidade de produção de alimentos. Muitas guerras, conflitos e migrações num futuro próximo podem ter origem neste

problema, como aliás, já se observa. Este fenómeno já foi estudado pelo economista e clérigo anglicano Thomas Malthus na obra “Ensaio sobre o Princípio da População” (século XVIII). Se não for controlado o crescimento da população, pois os recursos não crescem ao mesmo ritmo, estaremos perante um cenário de miséria, fome, morte e destruição do ambiente, dos ecossistemas, da biodiversidade, como do próprio ser humano e do planeta. Malthus previa que a população mundial duplicasse a cada 25 anos, caso não haja qualquer controlo.

Existem já muitos países com dificuldades ao nível do consumo de recursos naturais, não só da água, como da produção alimentar ou até da energia. Certo que este problema tem uma relação direta com estilos de vida e modos de consumo, mas sobretudo com o aumento descontrolado na população em determinados países.

Recentemente, no Egito, a COP27 debateu os desafios provocados por uma população mundial de oito mil milhões de habitantes, mas a inexistência de um governo mundial ou supranacional impede a tomada de decisões e impossibilita uma gestão do planeta como Aldeia Global que é. Assim tem sido e assim continuará a ser, sem soluções concretas, não passando de meros diagnósticos e prognósticos.

Muito se tem apresentado como solução o desenvolvimento social para os países mais pobres e em vias de desenvolvimento, aplicando a receita de que o desenvolvimento social fez recuar as taxas de natalidade no mundo ocidental. Curioso será notar que se o mundo inteiro tivesse os padrões de consumo de recursos dos países desenvolvidos, já os recursos do planeta estavam esgotados há muito. Também que não é verdade que os países que mais poluem sejam os mais desenvolvidos, mas sim os mais populosos como a China e a Índia. Parece-me infeliz

a ideia, defendida por alguns, de que o desenvolvimento social seja visto como um método anticoncepcional, até porque numa primeira fase a melhoria das condições de vida é um estímulo à natalidade. A única política com efeitos diretos eficazes sobre crescimento populacional foi a política de filho único na China. Malthus (1803) escreveu que “Um ensaio sobre o princípio da população ou uma visão de seus efeitos (...) passados e presentes na felicidade humana, com uma investigação das nossas expectativas quanto à remoção ou mitigação futura dos males que ocasiona (...) qualquer melhoria no padrão de vida de grande massa é temporária, pois ela ocasiona um inevitável aumento da população, que acaba impedindo qualquer possibilidade de melhoria.” Para Malthus, a diferença entre as classes sociais era uma consequência inevitável.

Para além de a fronteira das

possibilidades de produção estar no seu limite, as guerras ou a miséria seriam barreiras forçadas ao crescimento da população como uma espécie de autorregulação do próprio planeta. Mas foi mais longe, ao defender o “controlo moral”, defendendo a abstinência sexual e o adiamento dos casamentos, que só deveriam ser permitidos mediante “capacidade comprovada para sustentar a provável prole”.

Enquanto os países desenvolvidos se debatem com os problemas derivados do envelhecimento da população, outros se debatem com a escassez de recursos. Vivemos tempos novos, com novos problemas e com outros herdados da sociedade industrial anterior e ainda sem solução. A grande oposição às teorias de Malthus são as Teorias Reformistas que consideram a visão de Malthus muito pessimista e que o aumento das taxas de natalidade era resultado do subdesenvolvimento e não a sua causa.

A teoria de Thomas Malthus acabou por não ter reflexo no contexto da época pois a sua análise não previa o desenvolvimento tecnológico causado pela Revolução Industrial que minorou impactos do crescimento da população na altura. Ainda assim, as teorias neomalthusianas “ressuscitaram” nos finais do século XX, com a preocupação da escassez de recursos naturais no planeta e ao crescimento rápido da população, que quadruplicou em 80 anos.

Apesar de existirem previsões de que até ao final deste século o crescimento seja substituído por um decréscimo da população mundial devido ao previsível aumento do número de óbitos da população envelhecida ser superior ao de nascimentos, como já acontece em Portugal, existe a dúvida sobre o preço a pagar até lá em termos de conflitos, fome, miséria, movimentos migratórios e até do redesenho dos sistemas de segurança social. ■

Não é verdade que os países que mais poluem sejam os mais desenvolvidos, mas sim os mais populosos como a China e a Índia.

A inexistência de um governo mundial ou supranacional impede a tomada de decisões e impossibilita uma gestão do planeta como Aldeia Global que é.